

# O EXÍLIO DE DARCY RIBEIRO NO URUGUAI\*

Haydée Ribeiro Coelho  
UFMG

## RESUMO

Esse trabalho estuda o exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai (1964-1968), enfocando sua vida intelectual. Nesse sentido, ressalta a participação do escritor em várias publicações como: *Marcha*, *Cuadernos de Marcha* e *Enciclopedia Uruguaya*. Destaca também o trabalho realizado pelo educador na Universidad de la República, mostrando que gesta parte de sua obra antropológica naquele país. O artigo salienta também como Darcy Ribeiro continua sua interlocução com Ángel Rama fora do Uruguai, quando a ditadura também aí se instala. Para que fosse possível estudar o exílio do escritor brasileiro no Uruguai, foram realizadas entrevistas e pesquisas em arquivos.

## PALAVRAS-CHAVE

exílio, Darcy Ribeiro, Uruguai.

O exílio pode ser focalizado sob múltiplos aspectos e, com base em várias abordagens. No âmbito desse trabalho, cabe-me revisitar estudos que têm norteado meu enfoque sobre o assunto. Maria José de Queiroz, em seu volumoso e aprofundado estudo, atenta para a experiência coletiva e individual do exílio, descobrindo nas obras dos despatriados a “síndrome do desterro”.<sup>1</sup> Trata do exílio como “ausência”, como um “mal” que se traduz na “dor de querer voltar para casa”.<sup>2</sup> Relaciona também o exílio ao castigo e, dentre outros aspectos, mostra o judaísmo associado à emigração, ao exílio, ao êxodo na sua acepção política e teológica. Para a autora, o exílio pode ser imposto ou voluntário. Nessa segunda acepção, corresponde ao “autodegredo do mundo, seguido de mergulho no Eu”.<sup>3</sup> Denise Rollemberg constrói seu livro, abordando o exílio brasileiro decorrente do golpe militar de 64. Embora não se atenha ao estudo da literatura, pois oferece uma visão histórica do

---

\* Este texto é parte do desenvolvimento do projeto que realizei em Montevideu, entre março e julho de 2002, sob a supervisão do Prof. Hugo Achugar, na Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, com uma bolsa de pesquisa da CAPES. Parte dele, originalmente, foi apresentada no Congresso da ABRALIC, julho de 2002, sendo alterada com acréscimos e modificações.

<sup>1</sup> QUEIROZ. *Os males da ausência*, ou *A literatura do exílio*, p.15.

<sup>2</sup> QUEIROZ. *Os males da ausência*, ou *A literatura do exílio*, p. 35.

<sup>3</sup> QUEIROZ. *Os males da ausência*, ou *A literatura do exílio*, p. 31.

exílio, inicia seu texto, enfocando Ulisses, personagem de Homero e protótipo do exilado. Vê o exílio como “fruto da exclusão, da dominação, da anulação, da intolerância”.<sup>4</sup> Apesar de tudo isso, o exílio “oferece um outro lado: a oportunidade do recomeço e da transformação”.<sup>5</sup>

O exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai, depois do golpe militar de 1964, mostra como o escritor brasileiro transformou a situação de banimento em produtividade, trabalho, ajudando a escrever, de forma crítica e atuante, parte da História cultural e política da América Latina. O olhar de Darcy Ribeiro sobre o próprio exílio se acha presente em prefácios de livros, entrevista e, até mesmo, em correspondência. Estando em Santiago, o antropólogo, dirigindo-se ao amigo Heron de Alencar,<sup>6</sup> recém-operado, comentava que gostaria muito de visitá-lo, mas a pobreza de exilado o impedia de fazê-lo. Em contrapartida, o trabalho o movia, reconhecendo que a vida intelectual intensa era a única que lhe restava.

Pude constatar essas lições de resistência do intelectual no exílio, com base nas diferentes atividades exercidas por Darcy Ribeiro no Uruguai (1964-1968). Nesse país, o escritor brasileiro gesta parte de sua obra antropológica, entra em contato com diferentes intelectuais uruguaios, cria intensos laços de amizade e se reconhece como latino-americano. Seu exílio cria outras teias cujos elos vão ocorrer em outras plagas, depois que a ditadura se instala também no Uruguai, a partir de 1973. O exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai não é um caso isolado. Outros brasileiros compulsória ou voluntariamente vão para esse país, fugindo da ditadura brasileira.

Ángel Rama, um dos grandes interlocutores do antropólogo, chama a atenção para a importância do exílio na produção literária e cultural<sup>7</sup> de alguns brasileiros. Veja-se, então, o trecho em que faz essa afirmação:

A pesar de pertenecer al común denominador de América Latina han sido muy escasas las comunicaciones culturales o políticas entre Brasil y sus vecinos. Estos intelectuales descubrieron la existencia de Hispanoamérica, no sólo en sus singularidades políticas sino también en sus modos culturales: Mario Pedroza en Chile, Ferreira Gullar en Buenos Aires, Darcy Ribeiro en Montevideo, Francisco Julião en México, si por un lado se constituyeron en embajadores de una cultura ignota ante los grupos políticamente afines, por la otra hicieron experiencias de culturas desconocidas. Pienso que un libero imaginativo y talentoso como *Las Américas y la civilización* de Darcy Ribeiro hubiera sido imposible sin estos largos años de exilio que le permitieron recorrer y vivir por años en diversos países y zonas del continente. Del mismo modo la experiencia en las artes plásticas de Pedroza en la poesía de Ferreira Gullar, en las Ciencias Políticas, de Julião.<sup>8</sup>

<sup>4</sup> ROLLEMBERG. *Exílio*. Entre raízes e radares, p. 24.

<sup>5</sup> ROLLEMBERG. *Exílio*. Entre raízes e radares, p. 33.

<sup>6</sup> RIBEIRO, Darcy. Carta dirigida a Heron de Alencar. Santiago, 14 out. 1971.

<sup>7</sup> No projeto que apresentei à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), no segundo semestre de 2002, parto da importância do exílio para a produção literária e antropológica do escritor brasileiro. No entanto, desconhecia o texto de Ángel Rama “La riesgosa navegación del escritor exiliado”, em que o crítico uruguaio evidencia exatamente a importância do exílio para a produção antropológica de Darcy Ribeiro.

<sup>8</sup> RAMA. *La riesgosa navegación del escritor exiliado*, p. 235-250.

Além de documentos que comprovam a presença do escritor e antropólogo brasileiro durante seu exílio no Uruguai, há uma outra fonte de pesquisa, baseada em entrevistas com pessoas envolvidas nas diferentes atividades exercidas por Darcy Ribeiro naquele país e fora dele, quando a ditadura militar estendeu sua truculência para toda a América Latina. Nesse sentido, os documentos e os relatos serão utilizados como base para minha reflexão sobre o exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai.

## NO URUGUAI

Como Darcy Ribeiro chega ao Uruguai?

Como exilado faz uma viagem compulsória para salvar-se da perseguição, do cárcere ou da morte.<sup>9</sup> Sai do Rio Grande do Sul, em um pequeno avião, junto com um secretário. O avião seguiria para Buenos Aires. No entanto, por algum problema, aterrissa em Salto, estado situado a 500 quilômetros de Montevidéu. A notícia sobre a presença de uma personalidade importante espalha-se e o antropólogo brasileiro é procurado pelo representante político local e pelo chefe de polícia, que lhe perguntam o que pretendia ali. Com um raciocínio rápido, Darcy Ribeiro lhes disse que vinha pedir asilo no Uruguai.

Darcy vai para Montevidéu e entra em contato com a família de Mário Cassinoni, seu amigo e reitor da Universidad de la República. Naquele momento, Cassinoni estava muito doente e não pode recebê-lo. Em seu lugar, Domingo Carlevaro (naquela época, estudante de Direito, representante estudantil na Comissão de assuntos Universitários) e Luis Carlos Benvenuto, Secretário de Cultura da Comissão de Cultura da Universidade, vão ao encontro de Darcy.

Essa história, depreendida do depoimento do senhor Domingo Carlevaro,<sup>10</sup> hoje Diretor Geral de Relações e Cooperação da Universidad de la República, evidencia que Darcy Ribeiro se exila no Uruguai por casualidade. Acrescento que foi uma casualidade feliz, porque aí plantou uma grande floresta, com muitas árvores de onde surgiram outras folhas, outros ramos, outros frutos (outras coisas),<sup>11</sup> todos cultivados com profundos laços de amizade, como pude constatar nas entrevistas que tive a felicidade de realizar no Uruguai, durante o desenvolvimento de minha pesquisa, contando com uma bolsa da CAPES e o auxílio inestimável dos professores Hugo Achugar e Pablo Rocca.

---

<sup>9</sup> AINSA. *La reconstrucción de la utopía*, p. 83. Segundo o autor, “el exilado no tiene otra alternativa que asilarse en el país que lo acoge para salvarse de la persecución, de la cárcel o de la muerte”. Essa questão foi observada também em meu texto Brasil, Cuba e Canadá (Québec). In: SCARPELLI; Duarte. *Poéticas da diversidade*.

<sup>10</sup> CARLEVARO, Domingo. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 135-158. Todas as entrevistas mencionadas no artigo são de 2002. Como o livro das entrevistas foi publicado em 2003, procurei atualizar essa informação.

<sup>11</sup> A imagem da floresta foi utilizada pelo antropólogo Rezo Pi Hugarte para se referir à produção antropológica incessante de Darcy Ribeiro durante o exílio no Uruguai. Essa imagem estava presente na primeira versão da entrevista que me foi concedida pelo antropólogo, em Montevidéu, 21 de maio de 2002. No entanto, essa imagem não reaparece na versão que o professor me enviou posteriormente. Cf. HUGARTE, Renzo Pi. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 45-115.

Depois de Darcy Ribeiro ter chegado ao Uruguai, a Universidad de la República manifesta solidariedade ao antropólogo e educador, conforme o fragmento:

Nuestra Universidad, como lo ha hecho en otras oportunidades, debe prestar solidaridad a este universitario y en ese sentido piensa que sería de gran beneficio para la Universidad que le encargaran al Prof. Darcy Ribeiro el dictado de algún curso de su especialidad.

Si el consejo está de acuerdo yo me voy a permitir invitar al Profesor concurrir a este Consejo a efectos de que los señores consejeros puedan saludarlo y apresarle su solidaridad.

Apoyados.<sup>12</sup>

Depois de quatro anos de seu contrato na Universidad de la República, envia uma carta ao professor Arturo Ardao, então diretor da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, expondo suas atividades desenvolvidas na Universidade durante o período em que aí permaneceu. Na correspondência, datada de 10 de junho de 1968,<sup>13</sup> o antropólogo salienta que realizou vários seminários, tais como: A cultura da pobreza, A posição social da mulher, Ethos uruguaio e O processo de socialização.

Em 1967, o antropólogo e educador organizou um grande seminário (Seminário sobre Estruturas Universitárias), envolvendo os diversos representantes de diferentes áreas de conhecimento da Universidade, com a colaboração de 14 professores e 30 participantes, incluindo Ángel Rama como representante do campo das Letras. Desse Seminário resultou uma publicação em dois tomos, intitulada *La estructura de la Universidad a la hora del cambio*.<sup>14</sup> O seminário enfocava o problema do ensino e da pesquisa nos vários campos do saber.

Juan José Fló,<sup>15</sup> professor participante do *Seminário*, mostra que o objetivo do projeto de Darcy Ribeiro era configurar uma Universidad com base nos Institutos: Ciências Sociais, Ciências Físicas, Ciências Exatas e Ciências Humanas. O ensino das Ciências básicas nas faculdades profissionais ficaria dependendo dos institutos centrais.

Analisando a situação do ensino da literatura na Universidad de la República, Ángel Rama faz um histórico, situando as Letras no âmbito da América Latina e o ensino da literatura no contexto da sociedade. No campo prático, expõe as carências existentes, constatando a estrutura rígida das cátedras. Propõe cursos que possibilitem o estudo da literatura de forma interdisciplinar e comparativa, já realizado inclusive em algumas universidades latino-americanas.

Pensando na formação dos campos de trabalhos dos Institutos de Letras, distingue quatro deles: a docência e a pesquisa superiores acompanhariam os institutos desenvolvidos de universidades estrangeiras, porém adequadas às necessidades nacionais e regionais; fomento à criatividade literária; a formação da consciência artística e ideológica das equipes

---

<sup>12</sup> *Actas de Sesiones*. Consejo Central Universitario, Universidad de la República, 1964. Secretaría de Archivos, Montevideo, p. 267.

<sup>13</sup> Carta de Darcy Ribeiro ao Dr. Arturo Ardao, Montevideo, 10 jun. 1968. FUNDAR (Fundação Darcy Ribeiro).

<sup>14</sup> SCHAEFFER et al. *La estructura de la Universidad a la hora del cambio*, e LARRAUD et al. *La estructura de la Universidad a la hora del cambio*.

<sup>15</sup> FLÓ, Juan José. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 27-28.

universitárias, no sentido de romper com uma compartimentalização dos conhecimentos, fazendo com que o indivíduo se reconheça como “parte de una sociedad y de su voluntad de realización”;<sup>16</sup> a necessidade de um organismo central, destinado à divulgação da produção intelectual. Cita o “Fondo de Cultura Económica” e a Editorial Universitaria de Buenos Aires como exemplos de centros editoriais.

Ángel Rama participa de outro seminário dirigido por Darcy Ribeiro. Trata-se do “Seminário de Política Cultural Autônoma para a América Latina”, cujo evento resultou em uma publicação realizada por Ángel Rama, Washington Buño e Rafael Laguardia.<sup>17</sup>

No conjunto das atividades de pesquisa realizadas por Darcy Ribeiro, ainda na Universidade, destaca-se a elaboração de muitos dos seus livros antropológicos como: *O processo civilizatório e As Américas e a civilização*. Darcy Ribeiro participa também de importantes publicações, como *Marcha*, *Cuadernos de Marcha*, *Enciclopedia Uruguaya* e *Víspera*.

*Marcha* é um semanário fundado por Carlos Quijano em 1939. Conforme Pablo Rocca,<sup>18</sup> seus preceitos foram mantidos desde sua fundação, tais como: nacionalismo latino-americano, antiimperialismo, socialismo com notas liberais e antimilitarismo. Por sua extrema importância, o semanário foi objeto de muitos estudos, reunidos em livro por Mabel Moraña e Horacio Machín.<sup>19</sup>

Antes de focalizar, especificamente, a presença de Darcy Ribeiro em *Marcha*, torna-se importante considerar o que representou o semanário para os uruguaios, para os brasileiros e outros exilados latino-americanos (entre eles, Noé Jitrik). É bastante extensa a bibliografia existente sobre *Marcha*. No entanto, vou me basear sobretudo nas entrevistas que fiz no Uruguai entre abril e julho de 2002.

Renzo Pi Hugarte, antropólogo, tradutor de algumas das obras do escritor brasileiro, evidencia que a influência de *Marcha* não se restringiu ao Uruguai, “se extendió a otros países de habla española y en especial a la Argentina, marcando profundamente a varias generaciones”.<sup>20</sup> Noé Jitrik, eminente crítico argentino, também trata da transcendência de *Marcha*, como se observa no trecho:

*Marcha* fue una publicación de gran importancia en la cultura del Río de la Plata. Empezó como un periódico casi partidista; su director, Carlos Quijano, era miembro del partido Nacional y desde ahí hacía una crítica opositora al gobierno; muy pronto ese aspecto fue secundario pues empezó a interesarse por problemas más generales y no sólo por la crítica política: la cuestión cultural, en todos sus campos, predominó rápidamente. Para darle lugar, Quijano convocó a escritores que pertenecían a una generación nucleada en torno a revistas literarias, como *Número* y *Clinamen*. Se trataba

<sup>16</sup> RAMA. Letras. In: SCHAEFFER et al. *La estructura de la Universidad a la hora del cambio*, p. 154.

<sup>17</sup> RAMA et al. Seminario sobre política cultura autónoma para América Latina. Propositiones sobre política cultural autónoma de América Latina, p. 1-10. A propósito desse Seminário e de outros textos de Angel Rama publicados em *Marcha*, veja-se COELHO. América Latina como alteridade: memórias de un campo identitario, p. 299-311.

<sup>18</sup> ROCCA. *Marcha*, las revistas y las paginas literaria (1939-1964), p. 17. A propósito de *Marcha*, veja também o livro ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha*. Crítica y literatura em *Marcha* y en el Uruguay (1939-1974). A bibliografia sobre *Marcha* é bastante extensa, como pude verificar no Uruguai.

<sup>19</sup> Cf. MORAÑA y MACHÍN (Ed.). *Marcha y América Latina*, p. 561.

<sup>20</sup> HUGARTE. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 53.

de jóvenes escritores muy vinculados a Juan Carlos Onetti que, pese a que en ese momento vivía en la Argentina, colaboraba con *Marcha*; me refiero a Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal, Idea Vilariño, Carlos Martínez Moreno, Manuel Claps, y muchos otros, todos brillantes. En un momento posterior se produjeron nuevas incorporaciones como, por ejemplo, la de Jorge Rufinelli, que viene años después pero que continúa la tradición. En esa perspectiva “cultural”, se desarrolló mucho la crítica literaria: Ángel Rama y Emir Rodríguez Monegal, que eran muy buenos lectores, le dieron una gran expansión al periódico gracias a la presencia de la literatura así como a la crítica mismo, que tuvo momentos brillantes e innovadores. Ambos estaban muy informados y eran muy nerviosos en la búsqueda de asuntos tanto latinoamericanos, sobre todo rioplatenses, como de la gran literatura europea.

Por esa misma razón y complementariamente, *Marcha* le dió una gran importancia al cine y a la crítica correspondiente, mucho antes de *Cahiers du cinéma*. El responsable de esa sección era Homero Alsina Thevenet: sus opiniones pesaban porque no se limitaban a meros comentarios de estrenos sino que hacían historia y teoría. Alsina vive todavía y sigue produciendo en este campo, en otras y nuevas revistas pero el momento de *Marcha*, hacia 1955 más o menos en adelante, fue correlativo a la llegada, y deslumbramiento, de mucho y buen cine europeo de vanguardia europeo que suscitaba mucho interés en ambas orillas del Río de la Plata.

Muchos y muy buenos periodistas y escritores se formaron en *Marcha*, hasta que la dictadura lo clausuró; el pretexto fue que habían publicado un cuento de Nelson Marra, que había sido premiado en un concurso por un jurado integrado por Onetti, Rufinelli y Quijano. En ese cuento se hacía alusión a los tupamaros o la guerrilla, que por entonces ya estaba instalada y parecía invencible. Autor y jurados debieron marchar al exilio: Onetti a España, Rufinelli a México, lo mismo que Quijano. Con estos dos tuve relación personal y de amistad.

Antes, mi relación con *Marcha* había sido esporádica; publiqué, si no recuerdo mal, un par de artículos o notas entre 1958, más o menos, y 1967, cuando yo mismo me fui de la Argentina. El periódico llegaba a Buenos Aires y ahí era muy apreciado, era muy importante para todos nosotros además de ser un puente entre las dos culturas y, sobre todo, entre literaturas que asomaban con mucha fuerza en ese momento.<sup>21</sup>

María Díaz de Achugar faz um balanço importante sobre o significado de *Marcha* à luz do presente. Nesse sentido, transcrevo suas palavras:

Lo que queda más claro es lo que significó ese semanario. Era como una reunión de mentes brillantes que pensaban al país, a la región y al mundo, en lo cotidiano y más allá, como proyecto. Eso ya se perdió, porque sin desvalorizar a los jóvenes, no se pueden equiparar de ninguna manera las colaboraciones que tuvo *Marcha* con lo que es la prensa hoy en día en el país. Eso es un indicador de cuáles podrían ser las posibilidades que tiene el Uruguay. No hay una confluencia de personalidades que están semanalmente aportando ideas y haciendo cosas. Porque cuando yo le digo que también en el semanario *Marcha* se discutía sobre las posibilidades que tenía la izquierda nacional de salir adelante a través del Frente Amplio, y se aspiraba a que Carlos Quijano presidiera ese núcleo de fuerzas, eso habla de que no sólo era la edición del semanario y lo que la gente leía, sino que en ese ámbito se discutía también sobre el futuro de una nueva fuerza política en el país que iba a presentar un proyecto viable para salir adelante, una vía nueva para conducir al país hacia un lugar que no lo llevara adonde estamos hoy.

El semanario nucleaba algo que yo creo que va a permanecer en el tiempo y lo vamos a seguir viendo como un aporte invaluable para lo que podría haber sido el Uruguay con un liderazgo de gente con una lucidez, con aquel nivel intelectual y aquellas posibilidades que hoy no vemos, que hoy no parece que tuviéramos.

---

<sup>21</sup> JITRIK, Noé. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 117-118.

Creo que ese es el mayor aporte del semanario, que indiscutiblemente tiene que ver con la figura de Carlos Quijano, que es la figura convocante para que se acerquen a él todas estas personas relacionadas con el liderazgo latinoamericano, con la discusión de ideas, con la investigación. Esas discusiones ahora se dan en distintos ámbitos y no salen adelante, no parecen tener la misma productividad intelectual, porque incluso el Frente Amplio tampoco tiene hoy gente con la jerarquía y las posibilidades que tuvieron aquellos hombres.<sup>22</sup>

Consultando *Marcha*, pude ver como, logo depois do golpe militar de 1964, a história proibida do Brasil, contada sob outra perspectiva, aparece registrada pelo semanário, ao longo da década de sessenta até os idos de 70, quando se instaura também a ditadura uruguaia. Em artigo, recentemente publicado,<sup>23</sup> focalizei esse semanário, considerando três aspectos: *Marcha*: o olhar vigilante sobre o “gendarme continental”; *Marcha* e a memória da cultura brasileira e Darcy Ribeiro em *Marcha*. Nesse estudo, discuto também a questão da fronteira, abordando-a sob a perspectiva ideológica, cultural e ética.

Darcy Ribeiro aparece, de forma inaugural, em *Marcha*, concedendo uma entrevista a Ángel Rama. Analisando esse texto, fica claro que Darcy vai, através da nomeação de vários intelectuais brasileiros, acenando para o crítico uruguaio um leque interpretativo da cultura, oferecido pela nova geração brasileira, composta por Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Luís Costa Pinto, Victor Leal, Antonio Candido, Heron Alencar e Helcio Martins. Gilberto Freyre também aparece nessa constelação, mas, como pai de sua geração, “lo odian, esforzándose por vencerlo”. Essa entrevista e os desdobramentos teóricos nos escritos dos dois intelectuais são outros tantos ramos para pesquisas posteriores.

Em relação à outra publicação de que Darcy Ribeiro participava (*Cuadernos de Marcha*), saliente-se a opinião de Renzo Pi Hugarte: *Cuadernos de Marcha* “constituyó una publicación aparte del semanario *Marcha* que dedicaba cada entrega a un tema específico de naturaleza política, histórica o cultural, también con una óptica latinoamericana amplia”.<sup>24</sup> Segundo Noé Jitrik, “*Marcha* recomenzó su tarea en México, durante el exilio de Quijano, después se convirtió en los *Cuadernos de Marcha*”.<sup>25</sup>

No Uruguay, *Cuadernos de Marcha* iniciam sua publicação em maio de 1967, terminando a primeira fase em junho de 1974. Segundo María Díaz de Achugar, Carlos María Gutierrez era o jornalista uruguaio que estava à frente dessa edição. Em *Cuadernos de Marcha*, são tratados “temas muy candentes, algunos aún sin solucionar, como el referido a Israel y Palestina”.<sup>26</sup> No México, também foram editados *Cuadernos de Marcha* e, a partir

---

<sup>22</sup> María Díaz de Achugar foi secretária de *Marcha* de 1961 até o momento do fechamento do semanário em 1974. Hugo Alfaro, ao se referir a ela, diz: “puso la casa en orden y demostró que las ‘empresas comerciales’ pueden ser fraternales (en tanto el administrador Laureano Sebé demostraba que las empresas fraternales pueden ser comerciales). Cf. ALFARO. *Navegar es necesario*. Quijano y el semanario *Marcha*, p. 58.

<sup>23</sup> COELHO. Cultura e literatura: o exílio brasileiro no Uruguai, anos 60, p. 39-44.

<sup>24</sup> HUGARTE, Renzo Pi. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 54.

<sup>25</sup> JITRIK, Noé. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 119.

<sup>26</sup> ACHUGAR, María Díaz de. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 174.

de 1984, a publicação já não tem “la característica de fascículo, no es monográfico, no tiene un tema, un trabajo en profundidad. Ahora es más una revista, con más colaboraciones y distintos temas”.<sup>27</sup>

Em *Cuadernos de Marcha*, Darcy Ribeiro participa do número dedicado ao gaúcho e à literatura gauchesca. Enquanto o antropólogo escreve sobre as matrizes culturais rio-platenses, texto que integra *As Américas e a civilização*, Ángel Rama, na mesma publicação, trata da literatura dos vencidos.<sup>28</sup> Também Daniel Vidart, um dos antropólogos que me concedeu entrevista, participou dessa publicação com o artigo “Payadores gauchos y literatura gauchesca”. Segundo ainda o antropólogo, Ángel Rama foi o encarregado de organizar o caderno.<sup>29</sup>

A *Enciclopedia Uruguay* foi precedida pela publicação literária chamada *Capítulo Oriental*. Segundo o historiador Julio Rodríguez, a “*Enciclopedia* era uma história da sociedade, da economia, da cultura, da literatura, da arte, do urbanismo, da música, das artes plásticas e, ao mesmo tempo, um testemunho dos anos turbulentos que então se viviam”.<sup>30</sup> Tinha como público os “integrantes cultivados de la clase media”.<sup>31</sup> Foi uma publicação semanal em fascículos, de 1968 a janeiro de 1970.

Durante a elaboração do meu projeto de pesquisa que enviei à CAPES, procurei consultar a cronologia tanto de Darcy Ribeiro quanto a de Ángel Rama. Na cronologia do autor uruguaio, preparada pela Fundación Internacional Ángel Rama,<sup>32</sup> consta que a elaboração do plano da *Enciclopedia* ficou sob a incumbência de Ángel Rama e Darcy Ribeiro. Em *Cronología y Bibliografía de Ángel Rama*,<sup>33</sup> organizada por Carina Blixen, com a colaboração de Lea Blimar, verifica-se que essa informação se confirma. Consultando os fascículos da *Enciclopedia Uruguay*, no entanto, pude observar que o nome de Darcy Ribeiro não estava na capa dos fascículos como organizador ou idealizador da *Enciclopedia*, junto com Ángel Rama. Esse aspecto me foi esclarecido pelo depoimento de Luis Carlos Benvenuto, Diretor Executivo da *Enciclopedia Uruguay*. Em relação a minha pergunta, respondeu:

Ud. me pregunta por qué no figura el nombre de Darcy Ribeiro en la contracapa de la *Enciclopedia Uruguay*. La razón es bien simple: por su condición de asilado político no podía ni hubiera sido prudente tener actuación pública con connotaciones que pudieran ser consideradas molestas por las autoridades. En esa época, los Tupamaros ya tenían una actuación más que notoria, sólo se los podía nombrar con términos permitidos por el gobierno, nada que aludiera a sus objetivos podía hacerse público,

---

<sup>27</sup> ACHUGAR, María Díaz de. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 177.

<sup>28</sup> Veja-se a publicação *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, out. 1967. Esclareço que um estudo detalhado se encontra em RAMA. *Los gauchipolíticos rioplatenses*. Literatura y sociedad.

<sup>29</sup> VIDART, Daniel. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 160.

<sup>30</sup> RODRÍGUEZ, Julio. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 35.

<sup>31</sup> VIDART, Daniel. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 159.

<sup>32</sup> RAMA. Cronología.

<sup>33</sup> BLIXEN; BLIMAR. *Cronología y bibliografía de Ángel Rama*.



era frequente que para referirse a ellos se hablara de “Los Innombrables”. Las clausuras de órganos de prensa eran frecuentes. El autoritarismo crecía en paralelo, tal vez debiera decir más rápidamente que la actividad de los propios Tupamaros y se manifestaba en muchísimos campos que poco tenían que ver con la actividad por ellos desplegada. A partir de la maduración del proyecto y de la puesta en marcha de la *Enciclopedia*, que sufrió algunos cambios y retoques a medida que avanzaba en su publicación, si se exceptúa su trabajo como redactor del capítulo “España de la Conquista”, y los juicios y opiniones que tuvo la amabilidad de formular sobre los originales de algunos de los capítulos cuyo texto le solicité que leyera antes de proceder a su publicación, no se puede afirmar que Darcy haya tenido otra participación importante, más que algunas esporádicas visitas a la editorial. En esas ocasiones solíamos festejar su presencia con alguna copa de vino, interrumpiendo las tareas y rutinas propias de una publicación periódica, antes que él mismo las paralizara con una incontenible y deslumbrante locuacidad que nadie se atrevía ni deseaba interrumpir. (Ver fotografía anexa, que desearía poder recuperar).<sup>34</sup> Además, muy pronto, Darcy se embarcó en muchas otras actividades y proyectos.<sup>35</sup>

É importante salientar que o terceiro fascículo da *Enciclopedia Uruguaya*, intitulado “La España de la conquista”, foi incorporado ao livro *As Américas e a civilização* e, sob a perspectiva da gestação da memória e da teoria cultural, objeto de meu projeto apresentado à CAPES, esclarece o caminho teórico em construção, realizado no exílio pelo escritor brasileiro. O fascículo da *Enciclopedia* foi publicado em junho de 1968 e a primeira edição de *As Américas e a civilização* aparece em 1969, em três volumes editados na Argentina.

Alguns aspectos da *Enciclopedia Uruguaya*, no contexto do discurso crítico, podem ser compreendidos ainda com base no texto “Apuntes para una historia de la crítica uruguaya” (1968 y 1988), em que Hugo Achugar mostra a atuação dos integrantes da geração crítica, ou geração de 45, em duas ações editoriais “de especial transcendencia o la vida cultural de país: una historia literaria conocida como ‘Capítulo Oriental’ y una *Enciclopedia Uruguaya*, ambas en fascículos y de distribución masiva”.<sup>36</sup> A partir de suas observações, destaca o fato de essas publicações apresentarem um rigor crítico e intelectual e abrirem a cultura uruguia para o universal, ao mesmo tempo em que estavam voltadas para a vida nacional.

Renzo Pi Hugarte, em sua longa entrevista sobre a convivência com o escritor brasileiro – que durou por mais de trinta anos –, além de falar do afeto; de fazer traduções dos textos de Darcy para o espanhol; de mostrar conhecimento profundo da obra antropológica do autor brasileiro; de participar do convívio com Berta e Darcy; de acompanhar o antropólogo brasileiro em outros exílios, seguir os passos do amigo de perto e de longe, revela o significado de Darcy Ribeiro para sua formação:

En puridad, como antropólogo, no me considero un “darcyano”; ya he hecho referencia a posiciones no coincidentes de uno y otro. Puede que yo – como él – participe de un íntimo rechazo a aceptar influencias de nadie, lo que por cierto está más allá de los

<sup>34</sup> Essa fotografia foi publicada no livro de entrevistas que organizei. BENVENUTO, Luis Carlos. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 133.

<sup>35</sup> Cf. BENVENUTO, Luis Carlos. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 128-129.

<sup>36</sup> ACHUGAR. *Apuntes para una historia de la crítica uruguaya*, p. 59.

reconocimientos y admiraciones por las obras de otros. Entre tanto, no puedo negar que las características de mis exposiciones en el aula tienen mucho de su modalidad y que he utilizado en mis propios cursos y trabajos, las concepciones tuyas que he entendido valiosas y pertinentes. A todas luces, es indudable que Darcy significó mucho para mí en lo que tuvo que ver con mi formación y con algunas de mis tareas profesionales; por eso, no puedo evitar que mis palabras sobre él estén teñidas de un fuerte componente emocional. No siempre, es evidente, la vida da la posibilidad que yo tuve de interactuar tan íntima y largamente con alguien distinguido por una personalidad de la riqueza de la de Darcy.<sup>37</sup>

A denúncia de cooperação ideológica entre os governos do Brasil e do Uruguai por jornalistas de *Marcha*, instituindo o que chamei de ética de fronteira,<sup>38</sup> é praticada em território uruguaio e, além dele, quando a ditadura também se instala no Uruguai. Seguindo essa orientação, *Marcha* registrava uma manifestação de apoio a Darcy, contra sua prisão no Brasil. Veja-se o trecho:

La universidad norteamericana de Columbia se ha sumado ya – y otras del mismo país lo están haciendo o lo harán en los próximos días – a las gestiones que procuran obtener la libertad del profesor brasileño Darcy Ribeiro, detenido en Río de Janeiro desde hace varios meses. El problema ha sido llevado a la Unión de Universidades de América Latina y a la Asociación Internacional de Universidades, donde ha encontrado el eco proporcionado al prestigio mundial del profesor Ribeiro, por quien están intercediendo además, numerosas sociedades científicas y culturales. Es de esperar que todas estas movilizaciones resulten fructíferas a breve plazo. Nuestra universidad, como se sabe, mantiene a disposición de Ribeiro la cátedra de Antropología que él orientó ejemplarmente durante los últimos cuatro años.<sup>39</sup>

Esse gesto de solidariedade dos uruguaios, em relação a Darcy Ribeiro, vai ser narrado por Domingo Carlevaro, um dos entrevistados. Mostra como a Universidad de la República trabalhou para que Darcy Ribeiro fosse libertado da prisão brasileira. Em Estocolmo, o Ministro das Relações Exteriores do Brasil daquela época, ao sair do avião, foi recebido com cartazes que protestavam contra a prisão de Darcy Ribeiro. Naquele momento, o Ministro viu o fato como campanha do Partido Comunista. No entanto, segundo o Diretor Geral de Relações e Cooperação da Universidad de la República, o Partido Comunista “éramos nosotros, la modesta Universidad de la República que, con una carta traducida al inglés, había llegado a todo el mundo, y lo importante era que había llegado con un mensaje serio, que era el que Darcy estaba preso.”<sup>40</sup>

Darcy Ribeiro conservou as amizades que fez no Uruguai e isso pode ser visto também através das suas atitudes solidárias, conforme entrevista do professor Julio Rodríguez. O historiador uruguaio contou-me que, em 1976, estando em Paris para solicitar apoio à campanha mundial para a liberação, no Uruguai, do engenheiro José Luís Massera, foi ao

<sup>37</sup> HUGARTE, Renzo Pi. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 115.

<sup>38</sup> Cf. COELHO. *Cultura e literatura: o exílio brasileiro no Uruguai, anos 60*, p. 39-44.

<sup>39</sup> *Marcha*, 7 fev. 1969.

<sup>40</sup> CARLEVARO, Domingo. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 150.

Congresso de latino-americanistas, por ocasião do Centenário da Sociedade Mundial de Latino-americanistas. Solicitando ajuda ao amigo brasileiro, Julio Rodríguez destaca o papel fundamental de Darcy, que o auxilia a denunciar a situação existente no Uruguai em um ano tão duro para a resistência uruguaia, em que “Massera era uma figura de enorme peso”.<sup>41</sup>

A ditadura uruguaia aparece denunciada nas falas dos entrevistados. O historiador Julio Rodríguez perdeu os originais de dois tomos inéditos que escreveu sobre a história do crédito “desde seu nascimento até o capital privado”, incluindo “a fundação do Banco estatal em 1896”, devido às “inspeções da ditadura nos diversos esconderijos de [seu] filho Sergio, por vários anos militante clandestino”. A senhora Flora Papo, amiga de Berta e de Darcy Ribeiro, não possuía fotografias dos amigos, pois os militares tinham se apoderado de seu apartamento durante a ditadura e levaram todos os bens, todos os objetos, todas as fotos.<sup>42</sup>

Alberto Methol Ferré<sup>43</sup> contou-me sobre a História uruguaia e o relacionamento com o Brasil, atentando-me para a importância da revista *Nexo* que, em um de seus números, destinou especial atenção ao Brasil. Reporta-se ao exílio brasileiro no Uruguai e à entrevista de Darcy Ribeiro em *Víspera*, no momento em que o antropólogo brasileiro deixa o Uruguai e retorna ao Brasil (1968).

María Díaz de Achugar<sup>44</sup> testemunha também a violência dos militares sobre a equipe de *Marcha*, relatando-me o desaparecimento de Julio Castro, editor do periódico; a prisão dos vários participantes do semanário; o fechamento de *Marcha* e o conseqüente caminho dos uruguaio para o exílio, incluindo Carlos Quijano (Diretor do semanário) e família.

## O EXÍLIO NOSSO DE CADA DIA

Com o golpe militar de 1973, muitos uruguaio tomam o caminho do exílio. Ángel Rama estava na Venezuela, desde 1972, para ministrar um Curso na Escola de Letras da Universidade Central, quando foi surpreendido pelo golpe militar, não podendo regressar ao Uruguai. É na Venezuela que Ángel Rama vai receber a delegação latino-americana para pensar na organização da *Biblioteca Ayacucho*. Estavam aí, como convidados, Darcy Ribeiro, Sergio Buarque de Holanda, Leopoldo Zea, Arturo Ardao e Roberto Fernández Retamar.<sup>45</sup>

Tendo em vista a escalada ditatorial vivida na América Latina com exceção da Venezuela, Colômbia e México, a *Biblioteca Ayacucho* foi, segundo Noé Jitrik, “una de las tentativas más importantes para hacer algo concreto y efectivo, de signo inequívocamente latinoamericano”.<sup>46</sup>

---

<sup>41</sup> RODRÍGUEZ, Julio. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 36.

<sup>42</sup> PAPO, Flora. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 42.

<sup>43</sup> FERRÉ, Alberto Methol. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 165-166.

<sup>44</sup> ACHUGAR, María Díaz de. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 171-181.

<sup>45</sup> Cf. RAMA, Ángel. *Diário 1974-1983*, p. 36.

<sup>46</sup> JITRIK, Noé. In: COELHO (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas, p. 123.

A interlocução entre Ángel Rama e Darcy Ribeiro continua além das fronteiras geográficas, espalhando-se pelos escritos dos dois autores. A discussão do regionalismo no contexto de América Latina e da transculturação aparece em *Transculturación narrativa en América Latina*. O crítico uruguaio menciona, dentre outros textos, *As Américas e a civilização*, para evidenciar o relacionamento entre unidade e diversidade na América Latina.

É importante acentuar que o enfoque do regionalismo nos dois autores esteve presente na reflexão ocorrida nos seminários da Universidad de la República e permanece em *As Américas e a civilização*, *Transculturación narrativa en América Latina* e em *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. Nesses textos, a mestiçagem, para Darcy Ribeiro, e a transculturação, para Ángel Rama constituem categorias teóricas importantes para o entendimento da cultura brasileira e da literatura latino-americana, respectivamente.

No Uruguai, tomei contato com uma correspondência não muito extensa de Darcy Ribeiro para Ángel Rama. Em uma das cartas, o amigo brasileiro trata o crítico uruguaio de “Angelito”. A maneira de estabelecer um diálogo com o amigo pode ser vista de duas maneiras: expressão de afeto, de proximidade e, também, quebra com a formalidade.

O então antropólogo brasileiro, naquela data já autor de *Maíra*, há pelo menos quatro anos, convidava o amigo a demonstrar que a literatura nos espelha melhor que a ciência.

Qualquer dia convido você aqui para demonstrar que a literatura nos espelha melhor que a ciência. Podíamos passar muito bem obrigado sem todos os sociopoliticólogos que engendramos, mas não podemos dispensar meia dúzia de literatos. Digo isso como autor de *Maíra*.<sup>47</sup>

## LIÇÕES DO EXÍLIO

Em *Confissões de Darcy*, o escritor enfoca seu exílio no Uruguai. No entanto, relendo hoje esse texto, vejo como ele se mostra lacunar. O escritor não podia avaliar que seus feitos no Uruguai teriam tantos desdobramentos importantes, como pude constatar através de olhares e de vozes alheias.

O exílio de Darcy Ribeiro e de tantos outros intelectuais, como Ángel Rama, apresenta uma outra face que precisa urgentemente ser estudada pela literatura brasileira e incorporada à história cultural latino-americana. Sob essa perspectiva, a inclusão, no âmbito da reflexão da literatura comparada, é uma tarefa urgente para todos nós.

O exílio não se reduz à figura do desterrado/coitado que purga em terras estrangeiras um destino errante, sempre em busca de uma identidade perdida. Para grande parcela dos intelectuais, o exílio representou trabalho, produção, construção de uma nova ordem, alargamento de fronteiras culturais, sem o abandono de uma postura política e crítica, necessária ao entendimento de nossa existência no mundo.

À luz do presente, em tempos de globalização, o exílio deve ser compreendido em pelo menos dois sentidos. O primeiro refere-se ao fato de a experiência do exílio reafirmar que as fronteiras políticas são reais, que o corpo do exilado é real e sua história construída

---

<sup>47</sup> RIBEIRO. Carta a Ángel Rama. Rio de Janeiro, 31 mar. 1981.

em outros lugares também é real. O outro reporta-se à ética de fronteira praticada pelos exilados, denunciando as arbitrariedades ocorridas nas ditaduras de seus países. Enquanto o discurso da globalização insiste em homogeneizar as diferenças político-econômicas e éticas, os exilados compartilhavam o saber de maneira fraterna, contra a violência e o abuso dos poderes ditatoriais.

Ao tratar das fronteiras múltiplas e do hibridismo cultural, no contexto da globalização, o crítico Benjamin Abdala<sup>48</sup> mostra a necessidade de uma fratria comum entre os países ibero-afro-americanos. Focalizando *Marcha*, durante o período que Darcy Ribeiro esteve asilado no Uruguai e analisando as entrevistas que fiz com várias pessoas que conviveram com Darcy Ribeiro naquele momento, percebe-se que a fraternidade já existia entre os exilados, sendo praticada internacionalmente.

O exílio construiu uma vida em rede, um trabalho em rede, uma associação permanente contra as arbitrariedades sociopolítico-econômicas naquele tempo e no nosso. Olhando para trás, para meu passado, creio que as lições do exílio precisam ser revisitadas nesse caudal de destruição e de caos em que a utopia parece não ter mais lugar.



#### ABSTRACT

This essay examines the exile of Darcy Ribeiro in Uruguay (1964-1968) as well as his intellectual life. It emphasizes the writer's participation in many publications, such as *Marcha*, *Cuadernos de Marcha*, and *Enciclopedia Uruguaya*. This study also highlights the work carried on by this educator at the Universidad de la República, showing that part of his anthropological studies originated in that country. The article also comments on Darcy Ribeiro's contact with Ángel Rama, even after he leaves Uruguay. This research is based on the investigation of archives in Uruguay and on interviews.

#### KEY WORDS

exile, Darcy Ribeiro, Uruguay.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: SENAC, 2002.

ACHUGAR, Hugo. Repensando la heterogeneidad latinoamericana (a propósito de lugares, paisajes y territorio). In: MORAÑA, Mabel (Dir.). *Revista Iberoamericana*. Crítica cultural y teoría literatura latinoamericanas, n. 176-177, v. 62, p. 845-861, jul.-dic. 1976.

ACHUGAR, Hugo. Apuntes para una historia de la crítica uruguaya. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n. 5, p. 57-67, jun. 1990.

ACTAS DE SESIONES. Consejo Central Universitario, Universidad de la República, Secretaría de Archivos, Montevideo, p. 267.

AINSA, Fernando. *La reconstrucción de la utopía*. México: Correo de la UNESCO, 1999.

- ALFARO, Hugo R. *Navegar es necesario*. Quijano y el semanario *Marcha*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1984.
- BLIXEN, Carina; BLIMAR, Lea. *Cronología y bibliografía de Ángel Rama*. Montevideo: Arca, 1986.
- CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino (Org.). *Memórias do exílio*. Brasil 1964-1977. Lisboa: Arcádia, 1976.
- COELHO, Haydée Ribeiro. América Latina como alteridade: memorias de un campo identitario. In: MORAÑA, Mabel; MACHÍN, Horacio (Ed.). *Marcha y América Latina*. Pittsburgh: Universidad de Pittsburgh, 2003. p. 299-311.
- COELHO, Haydée Ribeiro. Cultura e literatura: o exílio brasileiro no Uruguai, anos 60. In: *CADERNOS CAMILLIANI*. Cachoeiro do Itapemirim: Faculdade São Camilo, v. 3, n. 1-2, p. 39-44, 2002.
- COELHO, Haydée Ribeiro (Org.). *Las memorias de la memoria: el exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Entrevistas. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003.
- COELHO, Haydée Ribeiro. Múltiplas identidades/textos peregrinos. In: VASCONCELOS, Maurício Salles; COELHO, Haydée Ribeiro (Org.). *1000 rastros rápidos: cultura e milênio*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 1999. p. 107-121.
- LARRAUD, Rufino et al. *La estructura de la Universidad a la hora de cambio*. Montevideo, Universidad de la República, v. 2, 1969.
- MARCHA. Montevideo, 7 fev. 1969.
- MORAÑA, Mabel; MACHÍN, Horacio (Ed.). *Marcha y América Latina*. Pittsburgh: Universidad de Pittsburgh, 2003.
- MOREIRA, Neiva. *O pilão da madrugada*. Um depoimento a José Loureiro. Rio de Janeiro: Terceiro Mundo, 1990.
- QUEIROZ, Maria José. *Os males da ausência, ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del escritor exiliado. In: RAMA, Ángel. *La riesgosa navegación del escritor exiliado*. Montevideo: Arca, 1998. p. 235-250.
- RAMA, Ángel et al. *Seminario sobre política cultural autónoma para América Latina*. Propositiones sobre política cultural autónoma de América Latina. Montevideo, 26-30, p. 1-10, mar. 1968.
- RAMA, Ángel. *Diário 1974-1983*. Prólogo, edición y notas de Rosario Peyron. Montevideo: Trilce, 2002.
- RAMA, Ángel. Cronología. In: *La crítica de la cultura en América Latina*. Selec. y prólogos Saul Sosnowski y Tomás Eloy Martínez. Cronología y bibliografía Fundación Angel Rama. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985.
- RAMA, Ángel. Letras. In: *La estrutura de la Universidad a la hora del cambio*. Montevideo: Universidad de la República, 29 dic., v. 2, p. 154, 1969.
- RAMA, Ángel. *Los gauchipolíticos rioplatenses*. Literatura y sociedad. Montevideo: Arca, 1998.
- RIBEIRO, Darcy. Carta a Heron de Alencar. Santiago, 14 out. 1971. (Fundação Darcy Ribeiro)
- RIBEIRO, Darcy. Carta a Ángel Rama. Rio de Janeiro, 31 mar. 1981. (Arquivo particular de Ángel Rama)

- RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha*. Crítica y literatura en Marcha y en el Uruguay (1939-1974). Montevideo: División Cultura Intendencia Municipal de Montevideo, 1992.
- ROCCA, Pablo. *Marcha, las revistas y las páginas literarias (1939-1964)*. In: *Historia de la literatura uruguaya contemporánea*. Montevideo: Banda Oriental, 1997. v. 1.
- ROLLEMBERG, Denise. *Exílio*. Entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SCARPELLI, Marli Fantini; DUARTE, Eduardo de Assis. *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte: UFMG/FALE/POSLIT, 2002.
- SCHAEFFER, Juan Jorge et al. *La estructura de la Universidad a la hora del cambio*. Montevideo: Universidad de la República, 29 dic., v. 1, 1969.